

É TEMPO DE QUE A VOZ DA ÁFRICA SE ERGA PARA CONDENAR A INVASÃO ESTRANGEIRA DE ANGOLA

17/1/76 N. 2

— declarou o Presidente Samora Machel em Adis-Abeba

Conforme anunciámos na nossa edição de ontem, incluímos, no presente número o discurso proferido pelo Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, por ocasião da Abertura da Assembleia Extraordinária de Chefes de Estado da Organização da Unidade Africana — OUA — no decorrer da qual foi debatido o problema angolano. O texto da intervenção, é o seguinte:

« Sua Excelência Idi Amin, Presidente em exercício da Organização da Unidade Africana; Suas excelências, Che-

Desejamos, aqui, prestar a nossa homenagem vibrante aos esforços, à dedicação e ao espírito de sacrifício de todos aqueles que, pela sua contribuição, alargaram as fronteiras da liberdade, em África. O combate travado — não é demais lembrá-lo, no momento em que parcelas do nosso continente continuam dominadas — foi um longo e árduo combate.

Contra a justiça da nossa causa, contra a vontade e determinação dos nossos povos, erguíam-se as armas poderosas com que os inimigos da África armavam o braço do colonialismo português. A nossa experiência demonstrou

A Organização da Unidade Africana não deve surpreender a agressão directa da África do Sul contra a República Popular de Angola. Desde a sua fundação, em 1963, a nossa Organização denunciou o regime racista sul-africano como um Governo despótico de uma minoria contra os povos africanos, não só da África do Sul, como de toda a África.

Em foruns internacionais — em particular no seio da Organização das Nações Unidas — o grupo africano, em conjunto com os países asiáticos e socialistas, faz votar a condenação do regime da África do Sul, apesar do apoio que lhe prestavam os seus aliados ocidentais.

A luta contra o racismo e a discriminação racial; a luta contra qualquer forma de colonialismo constitui, hoje, um ponto de princípio fundamental, um dos alicerces dentro da nossa Organização, conforme vem escrito na própria Carta da Organização da Unidade Africana.

A África tem, pois, o dever de condenar, aberta e claramente, esta agressão. A África tem o dever de condenar todos aqueles que abriam caminho à invasão inimiga, — os traidores da África — que não hesitaram em se aliar com os inimigos maiores dos nossos povos, que são o racismo, o colonialismo e o imperialismo.

Os povos africanos exigem, os nossos povos de África exigem deste Assembleia que ela julgue os autores desses actos.

COORDENAR ESFORÇOS CONTRA AGRSSÃO IMPERIALISTA

A questão fundamental que se põe à nossa Organização é como coordenar os esforços para fazer face à agressão sul-africana imperialista contra a República Popular de Angola.

Não temos dúvidas de que

na luta contra o invasor, para preservar a independência e unidade nacionais.

Mas, seria um crime para a África assistir passivamente à violação do solo angolano pelas forças racistas. A República Popular de Moçambique, fruto da luta heroica e vitoriosa do povo moçambicano

do nosso território, o que significa do nosso continente.

ANGOLA: O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL E A INDEPENDÊNCIA COMPLETA

É a República Popular de Angola, cuja resistência he-

verno de Transição a que haviam subscrito, multiplicando actos de agressão e de violência e tentando impor a sua dominação, em Luanda, através do terror.

Finalmente, tendo fracassado o seu intento de conquistar Luanda pela força, abandonaram os seus lugares no

que conheciam as suas zonas de apoio. A este respeito, a nossa delegação considera de grande importância que seja ouvido o testemunho da SWAPO, só pela colaboração dos fanfantes com a África do Sul na repressão aos Combatentes da Liberdade na Namíbia. Hoje, torna-se claro para o mundo, quais são as forças em presença e quem defende a Independência de Angola. Aparece-nos o Movimento Popular para a Libertação de Angola — MPLA — como a única organização que defende o solo pátrio contra a agressão estrangeira; é a República Popular de Angola que traduz — no plano interno e no plano das relações internacionais — a soberania do povo angolano.

Falar, hoje, de Governo de união nacional, com dirigentes que trouxeram as tropas sul-africanas, é o mesmo que falar de unidade e independência com a África do Sul racista.

Ao aliar-se com o inimigo — o maior inimigo da África — estes dirigentes perderam o direito de se sentar com os africanos.

A Organização da Unidade Africana não pode — sem violar a sua carta e manchar a dignidade da África — convidar agentes da África do Sul a tomar lugar nesta Assembleia, que representa a África Independente e os ideais sagrados pelos quais a África luta e morre.

Ao realizar, pela primeira vez na sua história, uma sessão extraordinária, apesar de todas as manobras dilatórias e tentativas de impedir a reunião, a África mostra que está consciente da gravidade do problema e de que enfrenta o desafio maior da sua história.

UNIDADE NA LUTA CONTRA IMPERIALISMO

Como em 1963, momento da sua fundação, esta primeira sessão extraordinária deve constituir um momento alto de unidade e de luta.

É tempo de nos conhecermos realmente, de podermos saber com quem contar na luta contra os inimigos da África. É tempo — e cremos que nós já tardámos um pouco — de que a voz da África se erga para condenar a invasão estrangeira e apoiar, como no passado, aqueles que se batem e tombam pela liberdade e pela dignidade da

vasão — se os países solidários com a luta de libertação cessarem o seu auxílio. Nós queremos dizer que a luta contra a agressão sul-africana não é negociável e que em nenhuma circunstância a África deve aceitar trocar a Independência de Angola, contra o direito soberano da República Popular de Angola de estabelecer relações internacionais e receber auxílio exterior para defender a sua Pátria invadida.

A ajuda que é dada, hoje, pelos países progressistas, e nomeadamente pelos países socialistas, inscreve-se na mesma linha da ajuda fraterna que estes países concederam durante a luta armada contra o colonialismo português, e continua a conceder, e continua a conceder, hoje, aqueles que lutam contra o colonialismo, contra o racismo e contra o imperialismo que estão agredindo a África.

Esta ajuda não constitui novidade para a Organização da

território ocupadas pelas tropas sul-africanas. É esta a única República reconhecida por um largo número de países da comunidade internacional, reconhecimento que se alarga cada dia e lhe confere um estatuto diplomático internacional de Estado soberano. É esta República dotada de Constituição, Capital, Insignia e Hino — símbolos da soberania que substituiu, no território de Angola, a presença colonial portuguesa.

APOIO À JUSTA LUTA DO POVO ANGOLANO

Excelências:

Consciente dos seus deveres para com os povos irmãos de África, a República Popular de Moçambique participa nesta conferência para encontrar, em concerto com os governos africanos, como no passado, as formas de desen-

Seria um crime para a África assistir passivamente à violação do solo angolano pelas forças racistas. A República Popular de Moçambique, fruto da luta heroica e vitoriosa do povo moçambicano contra o colonialismo português, considera seu dever — e dever de todos os povos de África — mobilizar as energias do nosso continente, assim como apelar à Humanidade progressista para prestar toda a ajuda ao povo-irmão e à República Popular de Angola.

Unidade Africana, cujo Comité de Libertação canalizou — e continua a canalizar — as armas enviadas pelos países africanos e socialistas; armas que contribuíram para tornar eficaz e vitorioso o combate dos povos contra o colonialismo português.

A própria Organização da Unidade Africana tem a vocação de enviar delegações aos países socialistas para solicitar o reforço da ajuda, material e moral, na luta contra a dominação estrangeira em África. Mas, a Organização da Unidade Africana nunca enviou uma delegação para a África do Sul para pedir ajuda.

Quem invoca uma pretensa ameaça para a Independência de Angola, por causa dessa ajuda dos países socialistas? São justamente os países imperialistas que durante todo o período colonial forneceram uma ajuda material maciça ao colonialismo português. Estranha justificação esta, de última hora, pela liberdade dos povos. Eles não hesitam, quais gendarmes do mundo, em intervir, ameaçar, intimidar, agredir. Pretendem infundir a política africana, e não hesitam em fazer pressões sobre os países africanos para que não reconheçam a República Popular de Angola, e gritam «queremos que o colonialismo português continue em Angola, que o povo angolano continue dominado pelo imperialismo». Enviam os seus emissários através da África, intervindo grosseiramente nos assuntos africanos e pretendendo telecomandar as nossas decisões.

Há só uma República em Angola, a República Popular de Angola, que dirige o combate do povo angolano pela libertação das parcelas do seu

ver o combate pela Independência e Liberdade em África. Falar das tentativas de reconquista a partir da África do Sul, não constitui, hoje, figura de retórica. A ameaça que pesa sobre nós é extremamente grave e exige acção corajosa e sacrificios.

A República Popular de Moçambique não hesitará em colocar todos os meios de que dispõe ao serviço da África, pela causa da Liberdade e Independência de Angola e pela própria República Popular de Angola, na justa luta contra a agressão estrangeira. A tarefa assim, é a de ajudar o povo angolano, ajudar a República Popular de Angola, e não a de substituir a esmo. Nenhuma ajuda ou intervenção da Organização da Unidade Africana na República Popular de Angola, Estado soberano, poderia ter lugar sem que, previamente, o Governo angolano determine os termos dessa participação.

Queremos, antes de terminar, saudar particularmente o Presidente Agostinho Neto, Presidente do MPLA e da República Popular de Angola, e exprimir-lhe, mais uma vez, o nosso apreço e a nossa solidariedade total. Que o povo angolano saiba que no seu justo combate encontrará, sempre, o apoio dos povos da África que querem a liberdade e a Independência. Que a voz da África Unida se erga, bem alto, para condenar a agressão da África do Sul, do imperialismo e seus fanfantes, e para apoiar, consequentemente, a Independência de Angola, a República Popular de Angola.

Viva a Independência Nacional.

Viva a Organização da Unidade Africana.

A luta continua.



O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, ao lado do Presidente etíope Brigadeiro Teferi Benti, quando recebia honras militares à sua chegada a Adis Abeba, cidade onde se realizou a Assembleia Extraordinária da OUA

contra o colonialismo português, considera seu dever — e dever de todos os povos de África — mobilizar as energias do nosso continente, assim como apelar à Humanidade progressista para prestar toda a ajuda ao povo-irmão e à República Popular de Angola.

do nosso território, o que significa do nosso continente.

Governo de Transição, renunciando, desta forma, à própria implementação dos Acordos de Alvor.

O objectivo era claro: retirar-se para, a partir do exterior, organizar uma ofensiva destruidora, criar a justificação para uma invasão do território. E é assim que nós vemos forças numerosas, dotadas de um material moderno, que jamais aparecera durante a luta contra o colonialismo, fazer a sua aparição no território angolano. Ao mesmo tempo, no sul do País, as forças fanfantes abriam caminho aos invasores sul-africanos que com um poderoso ar-

Seria de esperar que o inimigo se resignasse à derrota? Que assistisse, passivamente, à actuação da soberania dos povos? Não. Mais do que indignação, seria uma falta grave para com os nossos povos, se acreditássemos nas boas intenções do inimigo. O inimigo não muda a sua natureza. Só muda a sua tática.

o povo angolano sairá, finalmente vitorioso. Temperado por treze anos de luta constante, activa e consequente contra as forças armadas coloniais portuguesas, o povo angolano, sob a direcção do M.P.L.A., rechazará, seguramente, o invasor estrangeiro e os seus aliados.

É a República Popular de Angola que pode lançar um vasto movimento para a independência ou para a indispensável reconciliação nacional, exigência fundamental para a restauração da paz no país e para se iniciar a reconstrução nacional. É ela que pode organizar a ampla frente patriótica que une, para além das facções políticas, todos os angolanos sinceros.

dade progressista para prestar toda a ajuda ao povo-irmão e à República Popular de Angola.

Ao dizer isto, ao lançar este apelo, não somos animados por meros sentimentos de fraternidade em relação aos nossos irmãos angolanos. É a nossa própria independência que está em causa. É a própria África que está a ser invadida.

Assistimos, neste momento, à primeira grande tentativa aberta de reconquista de África. O inimigo está a pôr à prova a nossa capacidade de resistência à agressão sul-africana. E, dizemos que a África do Sul é um destacamento avançado do imperialismo internacional para destruir a África. Se não formos capazes de nos opor, com vigor e unidade, à presente agressão, estaremos a encorajar o inimigo racista a invadir-nos, um por um, e, sucessivamente, ocupar partes

do nosso território, o que significa do nosso continente.

Na conjuntura angolana de então, o acordo entre as três Organizações, com vista à formação de um Governo de união nacional, aparecia como a única forma de garantir o princípio fundamental, a Independência, retirando ao colonizador o argumento de que não havia interlocutor válido.

Neste contexto, nós consideramos que a assinatura dos Acordos de Alvor constituiu um passo positivo no processo de liquidação do colonialismo em Angola e, por isso, correctamente, a Organização da Unidade Africana exprimió o seu acordo.

Cedo, porém, a sua implementação encontrou dificuldades. Aqueles que, durante a luta armada, se haviam distinguido pela sua passividade perante o inimigo directo, o colonialismo português, começaram a tornar impossível o funcionamento do Go-

verno de Transição, renunciando, desta forma, à própria implementação dos Acordos de Alvor.

O objectivo era claro: retirar-se para, a partir do exterior, organizar uma ofensiva destruidora, criar a justificação para uma invasão do território. E é assim que nós vemos forças numerosas, dotadas de um material moderno, que jamais aparecera durante a luta contra o colonialismo, fazer a sua aparição no território angolano. Ao mesmo tempo, no sul do País, as forças fanfantes abriam caminho aos invasores sul-africanos que com um poderoso ar-

senal bélico, aéreo e terrestre, ocupavam largas faixas do território angolano, que hoje se encontram sob a sua dominação directa, como é o caso de Sá da Bandeira, cujo governador militar é um coronel sul-africano de nome Muller.

O objectivo desta aliança não se limita, porém, ao território angolano. Neste momento, os combatentes da SWAPO estão a ser perseguidos e atacados pelas tropas sul-africanas, graças à colaboração das forças fanfantes

Contra a justiça da nossa causa, contra a vontade e determinação dos nossos povos, erguíam-se as armas poderosas com que os inimigos da África armavam o braço do colonialismo português. A nossa experiência demonstrou que os esforços do colonialismo português só conseguiram subsistir graças à ajuda exterior, à ajuda daqueles a quem interessava a manutenção do colonialismo.

tes de Estado e do Governo dos países membros da Organização da Unidade Africana; Minhas senhoras e meus senhores:

Desejamos, em primeiro lugar, apresentar as nossas saudações a todos os Chefes de Estado e de Governo, assim como a todos os delegados aqui presentes e, através deles, aos seus povos.

Desejamos, ao mesmo tempo, exprimir os nossos votos sinceros para que os resultados desta Sessão Extraordinária contribuam para o reforço cada vez maior da unidade entre os nossos povos, constitua um passo em frente na luta pela independência total da África.

Que nos seja permitido, ainda, exprimir a nossa satisfação por nos encontrarmos na nova Etiópia, na Etiópia socialista que rompe com o feudalismo e avança na via da independência real e da liberdade.

Desejamos agradecer a Sua Excelência Teferi Bente, Presidente do Conselho Militar Administrativo Provisório da Etiópia, a profundidade com que o seu país, o seu povo e o seu Governo se mobilizaram para criar as condições que permitiram a realização desta reunião. No seu discurso de abertura, deu orientações a todos nós para que possamos encontrar soluções, possamos encontrar o caminho real que possa contribuir para a consolidação dos nossos Estados, para a consolidação das nossas independências, para a consolidação e emancipação da nossa África destruída pelo colonialismo

1975: ANO DE GRANDES VITÓRIAS PARA A ÁFRICA

Excelências:

O ano que acaba de findar, foi um ano de grandes vitórias para África. 1975 viu, sucessivamente, a proclamação da Independência da República Popular de Moçambique, da República de Cabo Verde, da República Democrática de São Tomé e Príncipe. Em 11 de Novembro de 1975, com a proclamação da República Popular de Angola, terminava a longa era da dominação colonial portuguesa em África.

Estas vitórias, alcançadas graças aos sacrifícios dos povos dominados pelo colonialismo português, são, também, as vitórias de toda a África, são as vitórias de toda a Humanidade progressista.

que os esforços do colonialismo português só conseguiram subsistir graças à ajuda exterior, à ajuda daqueles a quem interessava a manutenção do colonialismo. Entre todos, destaca-se a África do Sul racista, verdadeiro bastião da opressão no nosso continente: país cuja política tem como pedra angular a pretensa inferioridade do homem africano: país em que um Governo composto exclusivamente de brancos — representando os seus interesses, enquanto grupo racial — oprime, humilha e discrimina os homens, em função da cor da pele.

O país do «apartheid», símbolo da intolerância e do dogmatismo racista, constituiu um inimigo jurado dos povos de África. Ao mesmo tempo, o seu regime opressivo jamais escondeu a sua política agressiva. Tropas sul-africanas participaram em operações contra o nosso povo, ao longo da dominação colonial portuguesa. O colonialismo português foi vergonhosamente derrotado pelos nossos povos africanos.

O dia 11 de Novembro de 1975, data da proclamação da República Popular de Angola, é um dia de vitória para todos os povos de África e do Mundo que conosco lutaram pelos mesmos objectivos.

Seria de esperar que o inimigo se resignasse à derrota? Que assistisse, passivamente, à actuação da soberania dos povos? Não — mais do que indignação, seria uma falta grave para com os nossos povos, se acreditássemos nas boas intenções do inimigo.

O inimigo não muda a sua natureza. Só muda a sua tática. Não nos surpreende, por isso, a intervenção directa da África do Sul, a agressão descarada a que o país do «apartheid» se entrega contra o povo angolano. É a lógica da opressão e da agressão. A cada vitória dos povos, o inimigo responderá com uma nova vaga de crimes mais sangüinários; responderá com a escalada da violência reaccionária.

É tempo de nos conhecermos realmente, de podermos saber com quem contar na luta contra os inimigos da África. É tempo — e cremos que nós já tardámos um pouco — de que a voz da África se erga para condenar a invasão estrangeira e apoiar, como no passado, aqueles que se batem e tombam pela liberdade e pela dignidade da África. Este é o problema principal que nós temos a discutir nesta sessão extraordinária.